

A ASSEMBLÉIA DOS RATOS

Um gato de nome Faro-Fino deu de fazer tal destroço na rataria numa casa velha que os sobreviventes, sem ânimo de sair das tocas, estavam a ponto de morrer de fome.

Tornando-se muito sério o caso, resolveram reunir-se em assembléia para o estudo da questão. Aguardaram para isso certa noite em que Faro-Fino andava aos miados pelo telhado, fazendo sonetos à lua.

_ Acho – disse um deles – que o meio de nos defendermos de Faro-Fino é lhe atarmos um guizo ao pescoço. Assim que ele se aproxime, o guizo o denuncia, e pomo-nos ao fresco a tempo.

Palmas e bravos saudaram a luminosa idéia. O projeto foi aprovado com delírio. Só voltou contra um rato casmurro, que pediu a palavra e disse:

_ Está tudo muito direito. Mas quem vai amarrar o guizo no pescoço de Faro-Fino?

Silêncio geral. Um desculpou-se por não saber dar nó. Outro, porque não era tolo. Todos, porque não tinham coragem. E a assembléia dissolveu-se no meio de geral consternação.

DIZER É FÁCIL, FAZER É QUE SÃO ELAS!

LOBATO, Monteiro, Fábulas. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.

A GALINHA DOS OVOS DE OURO

João Impaciente descobriu no quintal uma galinha que punha ovos de ouro. Mas um por semana apenas. Louco de alegria, disse à mulher:

_ Estamos ricos! Esta galinha traz um tesouro no ovário. Mato-a e fico o mandão das redondezas.

_ Por que matá-la, se conservando-a você obtém um ovo de ouro de sete em sete dias?

_ Não fosse eu João Impaciente! Quer que me satisfaça com um ovo por semana quando posso conseguir a ninhada inteira num momento?

E matou a galinha.

Dentro dela só havia tripas, como nas galinhas comuns, e João Impaciente, logrado, continuou a marcar passo a vida inteira, morrendo sem vintém.

Quem não sabe esperar, pobre há de acabar.

LOBATO, Monteiro, Fábulas. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.

O CARREIRO E O PAPAGAIO

Vinha um carreiro à frente dos bois, cantarolando pela estrada sem fim. Estrada de lama.

Em certo ponto o carro atolou.

O pobre homem aguilhoa os bois, dá pancadas, grita; nada consegue e põe-se a lamentar a sorte.

_ Desgraçado que sou! Que fazer agora, sozinho neste deserto? Se ao menos São Benedito tivesse dó de mim e me ajudasse...

um papagaio escondido entre as folhas condeou-se dele e, imitando a voz de santo, começou a falar:

_ Os céus te ouviram, amigo, e Benedito em pessoa aqui está para o auxílio que pedes.

O carreiro, num assombro, exclama:

_ obrigado, meu santo! Mas onde estás que não te vejo?

_ Ao teu lado. Não me vês porque sou invisível. Mas, vamos, faze o que mando. Toma da enxada e cava aqui. Isso. Agora a mesma coisa do outro lado. Isso. Agora vais cortar uns ramos e estivar o sulco aberto. Isso. Agora vais aguilhoar os bois.

O carreiro fez tudo como o papagaio mandou e com grande alegria viu desatolar-se o carro.

_ Obrigado, meu santo! _ exclamou ele de mão postas. Nunca me hei de esquecer do grande socorro prestado, pois que sem ele eu ficaria aqui toda a vida.

O papagaio achou muita graça na ingenuidade do homem e papagueou, como despedida, um velho rifão popular:

Ajuda-te, que o céu te ajudará.

LOBATO, Monteiro, Fábulas. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.

O LEÃO, O LOBO E A RAPOSA

Um leão muito velho e já caduco andava morre não morre.

Mas, apegado à vida e sempre esperando, deu ordem aos animais para que o visitassem e lhe ensinassem remédios.

Assim aconteceu. A bicharada inteira desfilou diante dele, cada qual com um remédio ou um conselho.

Mas a raposa? Por que não vinha?

_ Eu sei – disse um lobo intrigante, inimigo pessoal da raposa. Ela é uma finória, acha que Vossa Majestade morre logo e é bobagem andar a perder tempo com cacões de vida.

Eufureceu-se o leão e mandou buscar a raposa debaixo de vara.

_ Então é assim que me trata, ó vilíssimo animal? Esquece que eu sou o rei da floresta?

_ Perdão, Majestade! Se não vim até agora é que andava em peregrinação pelos oráculos, consultando-os a respeito da doença que abate o ânimo do meu querido rei. E não perdi a viagem, visto como trago a única receita capaz de produzir melhoras na real saúde de Vossa Majestade.

_ Diga lá o que é – ordenou o leão, já calmo.

_ É combater a frialdade que entorpece os vossos membros com um “capote de lobo.”

_ Que é isso?

_ Capote de lobo é uma pele ainda quente de lobo escorchado na horinha. E como está aqui mestre lobo, súdito fiel de Vossa Majestade, vai ele sentir um prazer imenso em emprestar a pele ao seu real senhor.

O leão gostou da receita, escorchou o lobo, embrulhou-se na pele fumegante e ainda por cima lhe comeu a carne.

Para intrigante, intrigante e meio...

LOBATO, Monteiro, Fábulas. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.

O SABIÁ E O URUBU

Era à tardinha. Morria o sol no horizonte enquanto as sombras se alongavam na terra. Um sabiá cantava tão lindo que até as lanarjeiras pareciam absortas à escuta.

Estorce-se de inveja o urubu e queixa-se:

_ Mal abre o bico este passarinho e o mundo se enleva. Eu, entretanto, sou um espantalho de que todos fogem com repugnância... Se ele chega, tudo se alegra; se eu me aproximo, todos recuam... Ele, dizem, traz felicidade; eu, mau agouro... A natureza foi injusta e cruel para comigo. Mas está em mim corrigir natureza; mato-o, e desse modo me livro da raiva que seus gorjeios me provocam.

Pensando assim, aproximou-se do sabiá, que ao vê-lo armou as asas para a fuga.

_ Não tenhas medo, amigo! Venho para mais perto a fim de melhor gozar as delícias do canto. Julga que por ser urubu não dou valor à obras-primas da arte? Vamos lá, cante! Cante ao pé de mim aquela melodia com que há pouco você extasiava a natureza.

O gênio sabiá deu crédito àqueles mentirosos gramos e permitiu que dele se aproximasse o traiçoeiro urubu. Mas este, logo que o pilhou ao alcance, deu-lhe tamanha bicada que o fez cair moribundo.

Arquejante, com os olhos já envidrados, geme o passarinho:

_ Que mal fiz eu para merecer tanta ferocidade!

_ Que mal fez? É boa! Cantou!... cantou divinamente bem, como nunca urubu nenhum há de cantar. Ter talento: eis o grande crime!...

A inveja não admite o mérito.

LOBATO, Monteiro, Fábulas. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.

O CAVALO E AS MUTUCAS

Um cavaleiro vinha chicoteando as mutucas pousadas no pescoço da cavalgadura. Volta e meia, plaf! Uma lambada e era um inseto de menos.

Mas o homem só chicoteava as mutucas pesadonas, já empanturradas de sangue.

Em certo ponto o cavalo perdeu a paciência e disse:

_ Julgas que me prestas um serviço e no entanto...

_ No entanto que, cavalo! Pois livro-te das mutucas e ainda não estás contente?

_ Benefício seria se matasse as magras e poupasse as gordas. Porque as gordas, fartas que estão, nenhum malefício me fazem, ao passo que as outras, famintas, torturam-me sem dó. Matando só as inofensivas, o bem que me queres fazer transforma-se em mal, porque sofro a dor da lambada e nada lucro com a morte dos bichinhos.

Quantos benefícios assim, benefícios só na aparência!...

LOBATO, Monteiro, Fábulas. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.

O MACACO E O GATO

Simão, o macaco, e Bichano, o gato, moram juntos na mesma casa. E pintam o sete. Um furta coisas, remexe gavetas, esconde tesourinhas, atormenta o papagaio; outro arranha os tapetes, esfropa as almofadas e bebe o leite das crianças.

Mas apesar de amigos e sócios, o macaco sabe agir com tal maromba que é quem sai ganhando sempre.

Foi assim no caso das castanhas.

A cozinheira pusera a assar nas brasas umas castanhas e fora à horta colher temperos. Vendo a cozinha vazia, os dois malandros se aproximaram. Disse o macaco:

_ Amigo Bichano, você, que tem uma pata jeitosa, tire as castanhas do fogo.

O gato não se fez insistir e com muita arte começou a tirar as castanhas.

_ Pronto, uma...

_ Agora aquela de lá... Isso. Agora aquela gorducha... Isso. E mais a da esquerda, que estalou...

O gato as tirava, mas quem as comia, gulosamente, piscando o olho, era o macaco...

de repente, eis que surge a cozinheira, furiosa, de vara na mão.

_ Espere aí diabada!...

Os dois gatunos sumiram-se aos pinotes.

_ Boa peça, hein? – disse o macaco lá longe.

O gato suspirou:

_ Para você, que comeu as castanhas. Para mim foi péssima, pois arrisquei o pêlo e fiquei em jejum, sem saber que gosto tem uma castanha assada.

O bom-bocado não é para quem faz, é para quem o come.

LOBATO, Monteiro, Fábulas. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.

A CORUJA E A ÁGUIA

Coruja e águia, depois de muita briga, resolveram fazer as pazes.

_ Basta de guerra – disse a coruja. O mundo é tão grande, e tolíce maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma das outras.

_ Perfeitamente – respondeu a águia. – Também eu não quero outra coisa.

_ Nesse caso combinemos isso: de ora em diante não comerás nunca os meus filhotes.

_ Muito bem. Mas como posso distinguir os teus filhote?

_ coisa fácil. Sempre que encontrares uns borrachos lindos, bem feitinhos de corpo, alegres, cheios de uma graça especial que não existe em filhote de nenhuma outra ave, já sabes, são os meus.

_ Está feito! – concluiu a águia.

Dias depois, andando à caça, a águia encontrou um ninho com três monstregos dentro, que piavam de bico muito aberto.

_ horríveis bichos! – disse ela. Vê-se logo que não são os filhos da coruja.

E comeu-os.

Mas eram os filhos da coruja. Ao regressar à toca a triste mãe chorou amargamente o desastre e foi justar contas com a rainha das aves.

_ Quê? – disse esta, admirada. Eram teus filhotes aqueles monstreguinhos? Pois, olha, não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste...

Para retrato de filho ninguém acredite em pintor pai. Lá diz o ditado: quem o feio ama, bonito lhe parece.

LOBATO, Monteiro, Fábulas. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.

A CIGARRA E AS FORMIGAS

I – A FORMIGA BOA

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu - *tique, tique, tique...*

Apareceu uma formiga ffoirenta, embrulhada num xalinho de paina.

_ Que quer? – perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

_ Venho em busca de agasalho. P mau tempo não cessa e eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo.

_ E que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois dum acesso de tosse.

_ Eu cantava, bem sabe...

_ Ah!... exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher tulhas?

_ Isso mesmo, era eu...

_ Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantoral! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

II – A FORMIGA MÁ

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube compreender a cigarra e com dureza a repeliu de sua porta.

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com o seu cruel manto de gelo.

A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estio inteiro, e o inverno veio encontrá-la desprovida de tudo, sem casa onde abrigar-se, nem folhinhas que comesse.

Desesperada, bateu à porta da formiga e implorou – espreado, notem! – uns miseráveis restos de comida. Pagaria com juros alto aquela comida de empréstimo, logo que o tempo o permitisse.

Mas a formiga era uma usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres.

_ Que fazia você durante o bom tempo?

_ Eu... eu cantava!...

_ Cantava? Pois dance agora, vagabunda! – e fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra ali morreu entanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela?

OS ARTISTAS – POETAS, PINTORES, MÚSICOS – SÃO AS CIGARRAS DA HUMANIDADE.

LOBATO, Monteiro, Fábulas. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.

A ONÇA DOENTE

A onça caiu da árvore e por muitos dias esteve de cama seriamente enferma. e como não pudesse caçar, padecia de fome.

Em tais apuros imaginou um plano.

_ Comadre irara _ disse ela _ corra o mundo e diga à bicharada que estou à morte e exijo que venham visitar-me.

A irara partiu, deu o recado e os animais, um a um, principiaram a visitar a onça.

Vem o veado, vem a capivara, vem a cutia, vem o porco do mato.

Veio também o jabuti.

Mas o finório jabuti, antes de penetrar na toca, teve a lembrança de olhar para o chão. Viu na poeira só rastros entrantes, não viu nenhum rasto sainte e desconfiou:

_ Hum!... Parece que nesta casa quem entra não sai. o melhor, em vez de visitar a nossa querida onça doente, é ir rezar por ela...

E foi o único que se salvou.

Monteiro Lobato.

O GALO QUE LOGROU A RAPOSA

Um velho galo mateiro, percebendo aproximação da raposa, empoleirou-se numa árvore. A raposa, desapontada, murmurou consigo: "Deixe estar, seu malandro, que já te curo!..." E em voz alta:

_ Amigo, venho contar uma grande novidade: acabou-se a guerra entre os animais. Lobo e cordeiro, gaviões e pinto, onça e veado, raposa e galinhas, todos os bichos andam agora aos beijos como namorados. Desça desse poleiro e venha receber o meu abraço de paz e amor.

_ Muito bem! – exclamou o galo. Não imagina como tal notícia me alegra! Que beleza vai ficar o mundo, limpo de guerras, crueldade e traições! Vou já descer para abraçar a amiga raposa, mas... como lá vem vindo três cachorros, acho bom esperá-los, para que também eles tomem parte na confraternização.

Ao ouvir falar em cachorros, Dona Raposa não quis saber de histórias, e tratou de pôr-se ao fresco, dizendo:

_ Infelizmente, amigo Có-ri-có-có, tenho pressa e não posso esperar pelos amigos cães. Fica para outra vez a festa, sim? Até logo.

E raspou-se.

Contra esperteza, esperteza e meia.

LOBATO, Monteiro, Fábulas. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.

A MOSCA E A FORMIGUINHA

_ Sou fidalga! – dizia a mosca à formiguinha que passava carregando uma folha de roseira. Não trabalho, pouso em todas as mesas, lambisco de todos os manjares, passeio sobre o colo das donzelas – e até me sento no nariz. Que vidão regalado o meu...

A formiguinha arriou a carga, enxugou a testa e disse:

_ Apesar de tudo, não invejo a sorte das moscas. São mal vistas. Ninguém as estima. Toda gente as enxota com asco. E o pior é que têm um berço degradante: nascem nas esterqueiras.

_ Ora, ora! – exclamou a mosca. Viva eu quente e ria-se a gente.

_ E além de imundas são cínicas – continuou a formiga. Não passam dumas parasitas – e parasita é sinônimo de ladrão. Já a mim todos me respeitam. Sou rica pelo meu trabalho, tenho casa própria onde nada me falta durante o rigor do mau tempo. E você? Você, basta que fechem a porta da cozinha e já está sem o que comer. Não troco a minha honesta vida de operária pela vida dourada dos filantes.

_ Quem desdenha quer comprar – murmurou ironicamente a mosca.

Dias depois a formiga encontrou a mosca a debater-se numa vidraça.

_ Então, fidalga, que é isso? – perguntou-lhe.

A prisioneira respondeu, muito aflita:

_ Os donos da casa partiram de viagem e me deixaram trancada aqui. Estou morrendo de fome e já exausta de tanto me debater.

A formiga repetiu as empáfias da mosca, imitando-lhe a voz: “Sou fidalga! Pouso em todas as mesas... Passeio pelo colo das donzelas...” e lá seguiu o seu caminho, apressadinha como sempre.

**QUEM QUER COLHÊR, PLANTA. E QUEM DO ALHEIO
VIVE, UM DIA SE ENGASGA.**

LOBATO, Monteiro, Fábulas. São Paulo,
Editora Brasiliense, 1994.

O leão e o ratinho

Ao sair do buraco viu-se um ratinho entre as patas do leão. Estacou, de pêlos em pé, paralisado pelo terror. O leão, porém, não lhe fez mal nenhum.

_ Segue em paz, ratinho, não tenhas medo de teu rei.

Dias depois o leão caiu numa rede. Urrou desesperadamente, debateu-se, mas quanto mais se agitava mais preso no laço ficava.

Atraído pelos urros, apareceu o ratinho.

_ Amor com amor se paga _ disse ele lá consigo e pôs-se a roer as cordas.

Num instante conseguiu romper uma das malhas. E como a rede era das tais que rompida a primeira malha as outras se afrouxam, pôde o leão deslindar-se e fugir.

Mais vale paciência pequenina do que arrancos de leão.

Monteiro Lobato.

O PERU MEDROSO

Gordo peru e lindo galo costumavam empoleirar-se na mesma árvore. A raposa os avistou certo dia e veio vindo contente, a lamber os beiços como quem diz: “Temos petisco hoje!”

Chegou. Ao avistá-la o peru leva tamanho susto que por um triz não cai da árvore. Já o galo o que fez foi rir-se; e como sabia que trepar à árvore a raposa não trepava, fechou os olhos e adormeceu.

O peru, coitado, medroso como era, tremia como varas verdes e não tirava do inimigo os olhos.

_ O galo não apanho, mas este peru cai-me no papo já... _ pensou consigo a raposa.

E começou a fazer caretas medonhas, a dar pinotes, a roncar, a trincar os dentes, dando a impressão duma raposa louca. Pobre peru! Cada vez mais apavorado, não perdia de vista um só daqueles movimentos. Por fim tonteou, caiu do galho e veio ter aos dentes da raposa faminta.

_ Estúpido animal! – exclamou o galo acordando. Morreu por excesso de cautelas. Tanta atenção prestou aos arreganhos da raposa, tanto atendeu aos perigos, que lá se foi, catrapus...

**A prudência manda não atentar demais aos
perigos.**

LOBATO, Monteiro, Fábulas. São Paulo,
Editora Brasiliense, 1994.

LEIA O TEXTO:

O LEÃO E O RATINHO

Ao sair do buraco viu-se um ratinho entre as patas do leão. Estacou, de pêlos em pé, paralisado pelo terror. O leão, porém, não lhe fez mal nenhum.

_ Segue em paz, ratinho, não tenhas medo de teu rei.

Dias depois o leão caiu numa rede. Urrou desesperadamente, debateu-se, mas quanto mais se agitava mais preso no laço ficava.

Atraído pelos urros, apareceu o ratinho.

_ Amor com amor se paga _ disse ele lá consigo e pôs-se a roer as cordas.

Num instante conseguiu romper uma das malhas. E como a rede era das tais que rompida a primeira malha as outras se afrouxam, pôde o leão deslindar-se e fugir.

MORAL: Mais vale paciência pequenina do que arrancos de leão.

Monteiro Lobato

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

1. Quem são os personagens do texto?

R - _____

2. O que aconteceu quando o ratinho saiu do buraco?

R - _____

3. O que aconteceu dias depois com o leão?

R - _____

4. Como foi que o ratinho salvou o leão?

R - _____

5. Qual é o título do texto?

R - _____

6. Quantos parágrafos possuem o texto?

R - _____

7 - Como é o nome do sinal de pontuação que inicia o 2º parágrafo?

R - _____

8 - O que o sinal de pontuação do 5º parágrafo representa?

R - _____

9 - Qual é a moral da fábula?

10. Você concorda com a moral dessa fábula? Por quê?

